

Ética e Liberdade no anarco-feminismo espanhol: Lucía Sanchez Saornil e Amparo Poch y Gascon

Margareth Rago – UNICAMP

Em Horas de Revolução, pequeno livro publicado pelo *Sindicato Único do Ramo de Alimentação de Barcelona*, em 1937, a anarquista espanhola Lucía Sanchez Saornil reflete sobre os acontecimentos políticos e sociais que afetam a Espanha naquele instante e se pergunta pelos rumos do processo revolucionário que se abre aos seus olhos, desde o ano anterior. Lamenta os horrores da guerra, que agora atinge também mulheres e crianças. “*Antes, a barbárie selecionava suas vítimas (...) Hoje, até a barbárie degenera.*” Denuncia as formas de boicote que os governos opõem ao movimento revolucionário espanhol e incita os trabalhadores a se unirem na ação direta, na criação de brigadas e de extensas redes de solidariedade em luta contra o fascismo espanhol e internacional. Reflete sobre as experiências autogestionárias em curso na Espanha e questiona a atuação dos companheiros, que se casam nos sindicatos, revestindo práticas conservadoras com roupagem libertária. Pergunta-se, enfim, pelas possibilidades de criar um nova mulher nos novos contextos sociais coletivistas que se configuram sob o impulso da revolução.

É surpreendente e comovedor ao mesmo tempo observar o radicalismo das posições assumidas por essa anarquista espanhola, nesse livro. Ao criticar o casamento que presencia entre companheiros e companheiras nos sindicatos anarquistas, por significar uma traição da proposta libertária de amor livre, ela pondera:

“Se a Revolução é reforma de costumes, comecemos por aí; e logo, rapidamente, levemos à prática tudo o que ontem constituía nossas aspirações, nossa lei e nossos princípios.”

Dissemos outro dia que a Revolução deveria começar em nós mesmos, e se não o fizermos, perderemos a Revolução social, nem mais, nem menos; nossa mentalidade burguesa não fará mais do que revestir de roupas novas os velhos conceitos, conservando-os em toda a sua integridade. É preciso tomar cuidado com essas pequenas coisas (está se referindo ao aumento de casamentos nos sindicatos), que às vezes, são os melhores delatores de nossa falta de capacidade revolucionária.

Condenemos, se nos agrada, a liberdade de união; mas não a disfarçemos covardemente com hipócritas cerimônias, mesclando os Sindicatos em nossas covardias espirituais.”¹

Questionando as atitudes moralistas e conservadoras no interior dos grupos libertários em que atua, Lucía Sanchez Saornil, fundadora da **Organização Mujeres Libres**, ao lado da advogada Mercedes Comaposada e da médica pediatra Amparo Poch y Gascon, todas vinculadas à anarquista CNT (Confederação Nacional do Trabalho), introduz a dimensão da subjetividade nas intermináveis discussões sobre os rumos da revolução. Não se furta à difícil e delicada questão de pensar a produção da própria subjetividade no processo de transformação política e social em curso naqueles anos, enquanto que para muitos militantes tudo se resume a interferir criativamente no espaço público, transformando as formas de produção da economia e efetuando mudanças palpáveis no mundo exterior. Sem renovar o espírito, acredita ela, dificilmente se poderia inovar nas ações empreendidas nos múltiplos campos da vida social. A revolução social passa, assim, pelo trabalho interior, pelo questionamento das práticas subjetivas de cada um, pela crítica à moral burguesa que oprime, humilha e submete, à revelia dos próprios atores.

¹ Saornil, Lucía Sanchez - Horas de Revolución, Barcelona: Sindicato Único del Ramo de Alimentación de Barcelona, p.26

Diz Foucault que o “cuidado de si”, experiência desenvolvida especialmente na Antiguidade greco-romana, caracteriza-se por um trabalho sobre o eu bastante diferenciado das formas de subjetivação impostas pelo Estado moderno – e podemos acrescentar – pela família e pela mídia, na sociedade contemporânea. Longe da crença na interioridade como lugar privilegiado do refúgio do indivíduo, longe do narcisismo e do culto à própria personalidade, os gregos e os romanos desenvolveram formas de relação consigo mesmo que implicavam necessariamente na relação com o outro. Tratava-se de inflexionar as forças do Fora sobre si mesmo e construir-se como um indivíduo temperante, capaz do governo de si como forma de equilíbrio e não como renúncia a si e aos prazeres. Longe de propor uma anulação de si mesmo, como afirmará o cristianismo, longe de reprimir os desejos para constituir-se como cidadão honesto, trabalhador obediente e submisso, o “cuidado de si” do mundo greco-romano supõe um trabalho minucioso e elaborado sobre si mesmo que conduz a uma estilização da própria vida, a partir do “uso dos prazeres” no tempo oportuno e na medida certa. “Estética da existência” é o conceito cunhado pelo filósofo para dar conta dessas práticas da liberdade, constituídas por “tecnologias de si”, através das quais os indivíduos se elaboram, definem suas regras de conduta, ao mesmo tempo em que procuram *“modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.”*²

O conceito é bastante operacional, a meu ver, para nomear aquilo que Lucía, a seu modo, reclama como tarefa revolucionária fundamental. Aqui, ética, liberdade e política confluem na busca de construção tanto de novas formas de existência, quanto de outros modos de sociabilidade. A tarefa revolucionária supõe a invenção de si para

² Foucault – História da Sexualidade. Vol.II - O uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.15; veja-se ainda “A propos de la généalogie de l’éthique: un aperçu du travail en cours” Dits et Ecrits, vol. II, Paris: Gallimard, 2001, p.1229

homens e mulheres como atividade imediata e trabalho incessante, que não pode ser abandonado para o dia seguinte, nem mesmo em função das pressões econômicas impostas pela guerra. Em outras palavras, o cuidado de si para consigo supõe a recusa à obediência, uma crítica radical às formas insidiosas de sujeição, aos modos de manifestação do poder sobretudo no interior dos próprios grupos revolucionários. Como analisa a anarquista em relação aos deslocamentos que observa nos discursos dos grupos que lideram a ação política, são crescentes as tentativas de inibição e freio às iniciativas populares de autogestão, pelo apelo à obediência e à disciplina ao Partido:

“Ao conhecido e já velho “Precisamos ganhar a guerra”, começam a acrescentar-se outras frases que nos fazem tremer: “Precisamos acabar com os Comitês”, e se diz que não é obra revolucionária socializar a terra e a indústria. Em uma palavra, nega-se a Revolução. Sob a consigna de “obediência cega”, que se pretende seja sinônimo de disciplina, se quer cortar o passo à iniciativa popular....A verdade é que temos de ganhar a guerra para a Revolução; porém, muito cuidado! Há que atuar revolucionariamente ao mesmo tempo.” (p.30)

Nascida em Madri em 1901, militante da CNT a partir do trabalho na Central Telefônica de Madri, Lucía condena o processo de centralização que se esboça e as atitudes excludentes que se manifestam em relação às conquistas populares. Vale destacar o libertarismo presente constantemente nas posturas, reflexões e críticas dessa mulher, que denuncia, no calor da hora, as manobras que vão sendo feitas à medida em que o povo consegue maior liberdade e autonomia. No fragmento intitulado “Soluções Imitativas. O Stakanovismo”, ela acusa a intensificação do processo produtivo em moldes centralizadores importados da experiência russa:

“é sob pretexto de ganhar a guerra – sem dizer por que, nem para que - , que vemos dia a dia morrer os organismos criados nos primeiros momentos pela iniciativa popular; é, outras vezes, um afã imitativo – por desgraça nascido em nossa juventude - ,

de que temos dito com freqüência que sua virtude maior é a espontaneidade, o que vai incorporando ao nosso movimento com palavras exóticas aspectos ou frases que, se não são em absoluto contrários à nossa idiossincrasia, são, quando menos, em muitas ocasiões, inoportunos.” (pg.40)

Ao lado de Lucía, a médica Amparo Poch y Gascón, nascida em Zaragoza, em 1902, participa ativamente das atividades do **Grupo Mujeres Libres**, que ajudara a fundar em 1936. Escreve na *Revista “Mujeres Libres”* destinada ao esclarecimento e à reflexão das trabalhadoras espanholas; organiza cursos de capacitação para as operárias, cursos de alfabetização e profissionalização; trabalha nas creches e hospitais, defendendo novos métodos terapêuticos e programas de saúde para a população. Dentre seus vários textos, destaco os que se referem à moral sexual, como o poema em prosa “Elogio del Amor Libre”, em que Amparo, especialmente crítica do lugar de submissão destinado às mulheres na esfera privada do lar, lugar de sua absoluta anulação pessoal e sexual, reivindica uma nova relação amorosa para elas:

“I I. Yo no tengo Casa. Tengo, sí, un techo amable para resguardar-te de la lluvia y un lecho para que descanses y me hables de amor. Pero no tengo Casa. No quiero! No quiero la insaciable ventosa que ahila el Pensamiento, absorbe la Voluntad, mata el Ensueño, rompe la dulce línea de la Paz y el Amor. Yo no tengo Casa. Quiero amar en el anchucroso “más allá” que no cierra ningún muro ni limita ningún egoísmo. (...)

Mujer, ama sobre todas las cosas.(...)

Pero antes aprende el Buen amor. (...) Para él se necesita plena libertad, pro también capacidad plena, pues sin ésta la primera es una ficción.(...)

Yo no tengo Casa, que tira de ti como una incomprensiva e implacable garra; ni el Derecho, que te limita y te niega. Pero tengo, Amado, un carro de flores y horizonte, donde el Sol se pone por rueda cuando tú me miras..”³

Anarquista, Amparo critica com ousadia a monogamia, em seu texto “A vida sexual da mulher”, de 1932, e entende que o adultério resulta da asfixia provocada por normas rígidas, que violam as possibilidades humanas. Indigna-se com a absoluta ignorância das mulheres sobre a sexualidade e o corpo e critica a ausência de educação sexual nas escolas, razão pela qual procura explicar a fisiologia do corpo feminino, nomeando e referindo-se a cada órgão de seu corpo e a cada fase de sua vida, da menstruação à menopausa. Considera que embora surjam “novas mulheres”, com comportamentos bastante diferenciados das dos “velhos tempos”, ainda predominam as antigas, em cuja mentalidade pesa a herança de muitos séculos de obscurantismo. Por isso, defende a educação sexual nas escolas, entendendo que no lar nada acontecerá, nem também em uma escola que carregue uma moral de malícia e vergonha, aprofundadas pela religião.

“De nossas escolas atuais não se pode esperar uma educação e uma higiene sexual, porque as professoras que as governam não estão capacitadas para isso por haverem sido formadas em uma sociedade que não fala do sexo se não for entre cochichos e reticências;”⁴

Como médica, a Dra. Amparo faz profunda crítica aos mitos construídos pela medicina moderna sobre a economia desejante das mulheres. Questionando o mito da frigidez feminina, explica que o prazer sexual não deve ser visto como um pecado e que o

³ Amparo Poch y Gascón, Revista **Mujeres Libres**, no.3, julio 1936.

⁴ Rodrigo, Antonina (org.) – Amparo Poch y Gascón, textos de una médica libertaria. Zaragoza: Alcaraván, 2002, p.111

sexo não deve se limitar à procriação. Do mesmo modo, critica os maridos que deformam as esposas com sua psicologia masculina da prostituição. O direito ao sexo para as mulheres é, diz ela, uma necessidade fisiológica, tanto quanto para os homens. Amparo denuncia a moral burguesa que abre as portas da prostituição para o homem, enquanto a mulher deve esperar, antes do casamento, para poder ter sexo. Portanto, ensina vários métodos contraceptivos.

Contudo, mesmo defendendo o prazer sexual e as novas relações amorosas para as mulheres, a Dra. Amparo é atenta, ao dizer que é necessário fundamentar-se uma nova moral. Assim, estabelecendo as diferenças entre as antigas e as novas mulheres afirma:

“La mujer nueva no puede llenar con el amor su existencia. Necesita buscarse y encontrarse a sí misma en variadas actividades en la profesión elegida, en el estudio a que se ha consagrado, en el taller, en la fábrica y en la Universidad. (...) Aquellas mujeres que renunciaban a todo por amor, que no sabían vivir si no sentían una fuerte mano masculina sobre las suyas, van quedando, poco a poco., sólo para una categoría de novelas; porque el nuevo tipo femenino nos regala bravas heroínas que suspiran de gozo al encontrar entre las ruinas de un amor su perdida libertad, y que no necesitan ni quieren manos ajenas que les aparten las zarzas de la vida.”⁵

Como ela, portanto, ou ainda como Lucía Sanchez Saornil, que hoje valorizamos como mulheres que souberam corajosamente alterar o curso de vida que lhes havia sido destinado, ousando construir suas vidas e a si mesmas a partir de seus próprios interesses, desejos e necessidades, referenciando-se por uma moral libertária, na qual ética, política e liberdade estão intrinsecamente associadas.

⁵ Idem, p.143